

Resenha bibliográfica

The future of capitalism: how today's economic forces shape tomorrow's world

THUROW, Lester C. *The future of capitalism: how today's economic forces shape tomorrow's world*. New York: William Morrow and Company, 1996.

ROBSON R. GONÇALVES*

O escopo central de Lester Thurow em *The future of capitalism* consiste em empreender uma análise ampla e integrada de toda uma série de mudanças em alguns dos alicerces básicos da sociedade capitalista, tal como esta emergiu ao final da Segunda Grande Guerra. Modificações no quadro econômico, geopolítico e demográfico que vêm ocorrendo ao longo dos últimos anos estariam imprimindo um movimento de grandes proporções à sociedade em nível mundial, distanciando o capitalismo de nossos dias daquele com o qual conviveu toda uma geração, desde Bretton Woods. Os determinantes deste processo, segundo crê o autor, estariam em uma dimensão muito além da superfície destes mesmos fenômenos, exigindo a investigação de todo um rol de elementos subjacentes, estes sim responsáveis pelas atuais alterações do capitalismo industrial.

É interessante ressaltar, porém, que tal conjunto de mudanças recentes, a despeito de sua relevância intrínseca, tem como pano de fundo um cenário histórico mais amplo, referente ao próprio advento da sociedade industrial e às aceleradas mudanças por que tem passado a economia mundial desde a Primeira Revolução Industrial.

Lançando mão de uma metáfora que toma de empréstimo uma expressão própria de ciências naturais como a Biologia, Thurow descreve o advento da sociedade industrial como um período de "equilíbrio pontual", isto é, um momento histórico em que todo um conjunto de mudanças ocorre de forma extremamente rápida e quase avassaladora, sendo capaz de promover em períodos históricos relativamente curtos alterações de caráter estrutural que, anteriormente, deixaram de ser observadas ao longo de eras inteiras. A ilustração sugerida pelo próprio autor parece deixar suficientemente clara a utilização da

* Mestre em Economia pela Universidade Estadual de Campinas e da Diretoria de Pesquisa do IPEA.

noção de equilíbrio pontual:

“Periods of punctuated equilibrium are equally visible in human history. Although they came almost two thousand years later, Napoleon’s armies could move no faster than those of Julius Caesar — both depend upon horses and carts. But seventy years after Napoleon’s death, steam trains could reach speeds of over 112 miles per hour. The industrial revolution was well under way and the economic era of agriculture, thousands years old, was in less than a century replaced by the industrial age” (p. 7).

As revoluções industriais representaram — e continuam a representar — períodos de mudanças violentas, nos quais a compreensão dos fenômenos históricos, mesmo em sua dimensão econômica, torna-se mais complexa por conta da elevada instabilidade das estruturas — políticas, sociais etc.

Em resumo, ao adotar como uma de suas teses centrais a noção de equilíbrio pontual, Thurow deixa transparecer um certo relativismo histórico, afastando sua análise de teses alternativas como “o fim da história” de Fukuyama ou “o colapso da modernidade” de Kurtz. Neste sentido, se a sociedade industrial — e o capitalismo que nela se desenvolveu — faz parte de um período de equilíbrio pontual, seu formato atual possui um caráter de instabilidade intrínseca. Para compreender esta instabilidade e a(s) direção(ões) para onde aponta o somatório de forças que compõem os atuais movimentos sociais e econômicos, o autor lança mão de uma segunda metáfora, desta vez tomada de empréstimo à Geologia: a de “placas tectônicas” (*tectonic plates*) em movimento. Assim, a compreensão da dinâmica interativa de todo um conjunto de fenômenos sociais (as diferentes placas tectônicas) que conformam a superfície do capitalismo moderno não pode prescindir de uma busca analítica dos fenômenos subjacentes (o movimento do magma sob as placas), sobretudo em períodos de intensa instabilidade como os equilíbrios pontuais. Tanto quanto o magma em relação às placas tectônicas reais, estes movimentos subjacentes são os verdadeiros responsáveis pela dinâmica social e econômica.

Antes de passarmos à relação de cinco “placas tectônicas” tratadas pelo autor, devemos assinalar o terceiro e último eixo central de sua análise na obra em questão. Muito embora reserve grande ênfase aos aspectos tecnológicos que permitem qualificar a sociedade industrial como um típico momento histórico de equilíbrio pontual, Thurow nos lembra que períodos de modificações sociais e econômicas intensas exigem um certo padrão de vinculação entre tecnologia e ideologia, sem o qual seria impossível compreender o potencial revolucionário da sociedade industrial.

Segundo o autor, na ausência de uma ideologia que a sustente, uma revolução tecnológica não consegue avançar. Sob uma ótica schumpeteriana, podemos afirmar que sem uma ideologia adequada, uma onda mesmo que vigorosa de invenções jamais se transforma em uma onda realmente inovadora, capaz de transformar a vida econômica. O exemplo de nosso autor é o antigo Império Chinês, berço de invenções como a pólvora, a bússola e a imprensa, mas que não foi capaz de dar a tais inventos o poder transformador que eles atingiram na Europa, sobretudo após o Renascimento. Por outro lado, uma ideologia, por mais transformadora que seja, jamais será efetivamente revolucionária sem condições materiais que lhe possam dar corpo. As criações mecânicas, fruto da mente renascentista de Michelangelo, jamais puderam sair do papel, em parte por falta de algumas

soluções práticas indispensáveis. Segundo Thurow, o gigantesco poder transformador do capitalismo industrial — como o fora antes o da Roma Imperial, por exemplo — nasce de um casamento entre as inovações tecnológicas das revoluções industriais e a ideologia ocidental contemporânea, a qual foi capaz de romper com as antigas crenças, herdadas da Idade Média, e que condenavam tanto o individualismo quanto as atividades lucrativas.

Construído este arcabouço, cuja exposição ocupa os dois primeiros capítulos do livro, o autor dedica-se a uma reflexão sobre cinco movimentos centrais, que estariam conformando a face atual do capitalismo e alterando a estrutura constituída em escala global no pós-Segunda Grande Guerra — a qual representa a mais recente “acomodação” das placas tectônicas que compõem a superfície econômica e social do planeta.

O fim do comunismo. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, o capitalismo apresentou-se como uma alternativa ao comunismo, o único sistema sociopolítico verdadeiramente antagônico que sobreviveu ao conflito. Antes da Segunda Guerra, além da democracia liberal e do sistema de mercado a ela vinculado, permaneciam em cena, além do comunismo, o fascismo, o socialismo (como na versão francesa) e mesmo o anarquismo. Na década de 90, não apenas este antagonista deixou a cena, como também a social-democracia de estilo escandinavo e o industrialismo intervencionista de inspiração cepalina sofreram graves golpes. O quadro mundial de hoje aponta para uma convergência em direção ao capitalismo, enquanto opção socioeconômica, e para a democracia, enquanto regime político dominante.

A era da indústria baseada na qualificação humana induzida (*Era of man-made brainpower industries*). A atual etapa do desenvolvimento industrial não é caracterizada simplesmente por uma polarização entre alta tecnologia, de um lado, e grandes massas desempregadas, de outro. Os postos de trabalho remanescentes estão cada vez mais marcados por elevadas exigências em termos de qualificação. Por sua vez, esta qualificação prende-se a esforços deliberados de empresas e trabalhadores, os quais buscam ampliar quantitativa e qualitativamente sua dotação de capital humano. Este elemento tem colocado em xeque de forma inegável as antigas vantagens comparativas, que por tanto tempo dominaram a teoria econômica, fato capaz de ampliar a globalização, desvinculando-a de dotações e preços de fatores de produção.

Crescimento, movimento e envelhecimento da população mundial. Esses três elementos constituem uma tendência demográfica jamais vista na história. Se, em média, já se pode falar em um refreamento da recente explosão demográfica, não podemos esquecer que persistem significativos diferenciais em termos de taxas de crescimento demográfico em nível mundial. Estes diferenciais, que têm feito a população dos países pobres expandir-se com maior rapidez relativa, alimentam os movimentos migratórios em direção aos países mais ricos. Tal movimento, por sua vez, é potencializado pelo inédito efeito-demonstração representado pelos meios de comunicação de massa, os quais expõem, como nunca antes, os diferenciais de condições de vida existentes entre países pobres e ricos. Somado a estes movimentos migratórios, o envelhecimento das populações nos países desenvolvidos representa um desafio complexo ao Estado de Bem-Estar, mesmo em suas versões remanescentes de caráter mais liberal. Administrar as tensões entre populações crescentes de imigrantes, jovens com dificuldades de se colocar no mercado de trabalho e velhos que desejam garantir suas rendas de aposentadorias e pensões

representa um problema ainda sem solução em nossos dias.

Globalização econômica. A tendência mais geral da economia mundial pode ser atualmente identificada com o movimento de globalização, com todos os seus efeitos sobre a capacidade de os Estados Nacionais desenvolverem políticas autônomas. Ainda assim, não é menos verdade que ainda estamos em meio ao caminho de uma economia totalmente globalizada. A globalização na época atual ainda não se corporifica em movimentos de pessoas, mercadorias e capitais de forma integralmente livre em todas as partes do planeta. Vivemos, ao menos por enquanto, um período de transição em que predominam os blocos regionais, cujo sucesso efetivo ainda depende da superação de tensões de toda ordem, sempre de alguma forma relacionadas à perda de autonomia das nações. No entanto, a estrutura de regulação herdada de Bretton Woods, concebida em uma era em que os Estados Nacionais dispunham de um campo de ação ainda significativo, já se mostra amplamente defasada em relação ao movimento da economia mundial desde 1945, e não é possível definir com clareza qual seria o arranjo institucional que poderia assumir seu lugar diante da nova ordem econômica mundial.

Ausência de uma potência mundial dominante. Vivemos atualmente em um universo geopolítico muito distinto daquele do século XIX ou do imediato pós-guerra. Um movimento que ocorreu paralelamente à guerra fria, e que sobreviveu a ela, foi a constituição de um mundo multipolar, onde o poderio econômico não mais se encontra restrito a uma única potência hegemônica, como o foram a Inglaterra da era vitoriana ou os Estados Unidos. A posição ocupada na economia mundial por moedas como o marco e o iene, e a posição comercial da Alemanha e do Japão em relação à própria economia americana permitem afastar qualquer idéia de uma hegemonia econômica única.

A partir do oitavo capítulo, Thurow passa a tratar da dinâmica do “magma econômico” responsável pelo movimento das cinco placas, descrito nos capítulos precedentes. Uma das questões centrais diz respeito às crescentes desigualdades de renda e riqueza, engendradas pela dinâmica atual do capitalismo.

Assim, em um contexto de elevação dos fluxos migratórios em direção aos países desenvolvidos e globalização econômica, o fim do comunismo e o abandono das políticas industrialistas de cunho cepalino por parte de países do Terceiro Mundo estariam colaborando com uma rápida ampliação da oferta de mão-de-obra qualificada — oriunda dos antigos países socialistas — e não-qualificada — originada nos países em desenvolvimento. A resultante da soma dos dois fenômenos é uma tendência a um nivelamento para baixo dos salários, em prejuízo dos trabalhadores dos países industrializados. Este movimento de baixa estaria sendo reforçado por um relativo consenso a respeito da necessidade de se manterem taxas moderadas de crescimento nestes países, o qual resultou da verdadeira guerra travada contra as tendências inflacionárias verificadas entre as décadas de 70 e 80.

Por sua vez, a necessidade de mão-de-obra com níveis crescentes de qualificação, exigência decorrente do impulso tecnológico que tem varrido as atividades produtivas, requer maiores investimentos em infra-estrutura científica e tecnológica, capaz de colaborar com a formação do estoque requerido de capital humano. Em um contexto de crise do Estado de Bem-Estar, tal imperativo choca-se com os pleitos de uma população idosa com crescente peso político, contrária a cortes em suas rendas previdenciárias.

Por fim, a ausência de uma potência econômica dominante faz com que a economia mundial deixe de contar com uma nação cujo dinamismo seja capaz de induzir e coordenar a expansão econômica mundial. O autor menciona ainda, mais adiante (Capítulo 11), a persistência de uma relativa instabilidade econômica, na qual o fenômeno do ciclo econômico não apenas continua presente como tem se mostrado descompassado nas três principais economias mundiais: Estados Unidos, Alemanha e Japão. Tal fato dificulta a realização de políticas coordenadas, capazes de fazer com que estas economias atuem como um carro-chefe tripartite da economia mundial.

Esta soma de fatores estaria agindo tipicamente como um magma econômico determinando conjuntamente, em última instância, a dinâmica das cinco placas descritas anteriormente. Tal movimento típico implica que cada uma das placas move-se lentamente, e este movimento, ainda que perceptível ao longo dos anos, ocorre sem rupturas violentas — tal como foi a Grande Depressão dos anos 30, por exemplo. Ainda assim, como na Geologia, a fricção das placas pode, eventualmente, dar origem a verdadeiros abalos. As relações econômicas entre Japão e Estados Unidos (mencionadas no Capítulo 10), marcadas por um grande desequilíbrio comercial, são o exemplo de fortes tensões, ainda que permaneça incerto se elas resultarão, no futuro, em um choque único e violento ou em uma sucessão de pequenas acomodações. Por sua vez, a questão inflacionária (objeto do Capítulo 9) é mencionada como um vulcão extinto — metáfora que não exclui por completo, segundo nossa leitura, a possibilidade de erupções futuras, mas apenas coloca tal possibilidade em um horizonte remoto.

Exemplos de vulcões sociais em atividade seriam o fundamentalismo religioso e o separatismo étnico, os quais representam, em nossos dias, as duas principais forças que destoam do regime democrático dominante (Capítulo 12).

Os três últimos capítulos do livro abrangem uma reflexão de caráter essencialmente prospectivo e formam, em conjunto, a conclusão da obra.

No Capítulo 13, Thurow elabora uma pergunta de caráter grave, vinculando e, até certo ponto, opondo os dois pilares do capitalismo atual: mercado e democracia. Assim, como conciliar a tendência ao aumento das desigualdades econômicas, tal como descrito anteriormente, com o princípio da igualdade política que fundamenta o regime democrático? A experiência escravista do Sul dos Estados Unidos demonstrou a incapacidade do regime democrático em conviver com uma das formas mais radicais de desigualdade, a escravidão. Porém, o que dizer da convivência da democracia com uma tendência a desigualdades econômicas crescentes, engendradas pelas forças de mercado, uma vez que, sob um prisma amplo, o poder na sociedade capitalista advém, simultaneamente, das esferas política e econômica?

No capítulo seguinte, o autor investiga algumas contradições internas do sistema capitalista, relativas ao conjunto de valores engendrados por uma sociedade calcada no individualismo, bem como seus reflexos sobre o futuro do próprio capitalismo. Neste sentido, Thurow afirma:

“In capitalism there is no analysis of the distant future. There is no concept that anyone must invest in the plant and equipment, skills, infrastructure, research and development, or environmental protection that are necessary for national growth and rising individual standards of living. There simply is no social ‘must’ in capitalism. If individuals choose not to save and invest, growth will not occur, but so be it. Individual decisions maximize total welfare even if they lead to stagnant societies” (p. 303).

Se, historicamente, o *welfare state* e o *warfare state* constituíram vias de contornar esta contradição entre a prevalência de valores individuais e a necessidade de garantir a sobrevivência do próprio sistema econômico ao longo do tempo, nem gastos militares nem gastos sociais deverão representar, em nosso atual horizonte visível, o mesmo papel das décadas passadas. Esta característica intrigante da atual fase do capitalismo coloca em destaque duas das metáforas sugeridas pelo autor. Em primeiro lugar, em momentos de equilíbrio pontual, a velocidade das mudanças não permite ver com clareza a direção que os fenômenos (econômicos, no caso) devem tomar; daí o número de perguntas de difícil resposta, formuladas no livro. Por outro lado, parece claro o choque entre o potencial tecnológico de nossos dias e a ideologia que o tem acompanhado, fortemente centrada nas preferências individuais e com espaços cada vez menores para ações de cunho coletivo.

A mensagem final do livro, expressa no último capítulo, procura colocar como principal ameaça ao capitalismo não uma tendência à autodestruição, a exemplo do comunismo, mas à estagnação. Esta, por sua vez, como demonstram diversos exemplos históricos, pode suceder a um período de grande euforia, típico dos momentos de transformações radicais associados a equilíbrios pontuais; a estagnação que atingiu civilizações como o Egito Antigo, a China Imperial ou a Europa Medieval durou séculos, antes que seus sistemas econômicos por fim ruíssem. O desafio, segundo Thurow, não está em delinear com exatidão que rumos o capitalismo atual deve tomar para evitar percalços como a estagnação ou a desigualdade crescente. Caso aceitemos que estamos vivendo um período de transição, em que apregoar o fim da história seria algo no mínimo precipitado, é preciso fazer do capitalismo uma “nave segura”, capaz de nos permitir realizar uma travessia o mais tranqüila possível, ainda que em direção a uma terra desconhecida.

Ao final do livro, fica claro para o leitor que a importância da reflexão sugerida pelo autor está muito mais em seu caráter provocativo do que em possíveis respostas que se possam extrair da leitura de sua obra. Sem a pretensão de fazer futurologia, e fugindo às tentativas de defender a vitória final ou a derrocada iminente do capitalismo, Lester Thurow chama nossa atenção para todo um conjunto de mudanças que estão sendo presenciadas por todos nós no curto espaço de tempo dos últimos 20 anos, mas cujo alcance em termos de ruptura com antigos arranjos institucionais ou de conseqüências para o futuro próximo não é desprezível.